

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarida Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

A EVOLUÇÃO DA ARQUEOLOGIA URBANA E A VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL NO BARLAVENTO ALGARVIO: OS CASOS DE PORTIMÃO E SILVES

Artur Mateus¹, Diogo Varandas², Rafael Boavida³

RESUMO

Com este artigo, pretende-se realizar uma breve síntese sobre o panorama e evolução da arqueologia urbana nos concelhos de Portimão e Silves. O objetivo principal será entender a evolução da identificação, valorização e divulgação dos sítios arqueológicos gerados por esta prática, e a forma como se enquadram no quotidiano das cidades abordadas neste estudo. Deste modo, recorreu-se à base de dados do “Portal do Arqueólogo”, Planos Diretores Municipais (PDM), documentos de divulgação patrimonial regionais e nacionais e a notícias municipais e nacionais. A necessidade de uma arqueologia urbana tornou-se fundamental e imperativa no final do século passado, devido à sua relevância na reconstrução identitária e histórica dos respetivos concelhos. Igualmente, analisar-se-á o impacto dos trabalhos urbanos no desenvolvimento turístico-cultural local.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana, Arqueologia Pública, Turismo Cultural, Portimão, Silves.

ABSTRACT

With this article, we pretend to address the situation and evolution of the Urban Archaeology of the municipalities of Portimão and Silves in brief and generic terms. We will focus on understanding the basic evolution of the background in which the identification, protection and divulgation of archaeological sites was done, and how these connect to everyday city life. For this, we searched the “Portal do Arqueólogo” database, the urban master legislations (PDM’s), as well as the local-national press. The urge for a strong Urban Archaeology has been visible since the end of the last century, due to its importance for the reconstruction of local histories and identities. The impact of this in the development of local tourism was sought.

Keywords: Urban Archaeology, Public Archaeology, Cultural Tourism, Portimão, Silves.

1. INTRODUÇÃO

A arqueologia urbana tornou-se fulcral nas últimas décadas por um conjunto de circunstâncias, a começar com a verificação de que a própria arqueologia, enquanto ciência, granjeou já a partir da década de 90 com a polémica que ultrapassou fronteiras das gravuras rupestres do Côa. As obras construtivas no Alqueva, na mesma década, não só se afirmaram para a rutura do estigma de que o passado humano e os seus vestígios constituem um impedimento

para a concretização de grandes obras, mas também demarcaram o papel do arqueólogo no seio de uma área que ultrapassa o âmbito académico. Este passa, então, a integrar uma parte fulcral para a recolha de conhecimento histórico, arqueológico e etnográfico, funcionando ainda como um intermédio entre a comunidade e a divulgação do conhecimento científico. A legislação é adaptada não apenas para a preservação e salvaguarda do património, mas também para o fomento da produção de conhecimento sobre as histórias, gestos e identidades locais, na evolução

1. Mestrando de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; artur.q.mateus@gmail.com

2. Mestrando de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; dvarandas@campus.ul.pt

3. Mestrando de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; rafaelboavida@campus.ul.pt

da malha territorial e urbana de uma dada região ou comunidade. Portanto, a criação desta nova legislação criou um *boom* nacional (e internacional) relativamente aos trabalhos arqueológicos em contextos urbanos e, como veremos adiante, os casos de Portimão e Silves (Figura 1) não se encontram de todo alienados desta nova realidade.

O presente trabalho foi estruturado em três pontos: Um primeiro, onde se procurou enquadrar o surgimento e atuação da arqueologia urbana nos concelhos de Silves e Portimão, no âmbito da história da investigação arqueológica e da proteção patrimonial do Algarve; Um segundo ponto, onde se dá a conhecer os modos em que se tem vindo a efectuar os trabalhos arqueológicos nestes dois ambientes citadinos, geralmente associados às áreas de preservação histórica dos centros, quer sejam estes realizados por entidades públicas ou privadas; Como último ponto, abordaremos o panorama da componente de divulgação e valorização turístico-cultural que se fomentou nestes concelhos.

2. BREVE HISTÓRIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE CARIZ URBANO

Quando observamos o panorama da história dos trabalhos arqueológicos nestes dois concelhos, podemos estabelecer uma evolução essencialmente caracterizada por três etapas. Uma primeira, que diz respeito aos trabalhos pioneiros de Estácio da Veiga, na segunda metade do século XIX, com o seu projeto dos volumes “*Antiguidades Monumentaes do Algarve*”, que ainda hoje marcam toda uma fase da arqueologia do Algarve. No que concerne aos concelhos de Portimão e Silves, são inúmeras as observações, levantamentos e trabalhos levados a cabo pelo mesmo, sendo de mencionar as suas intervenções no Castelo de Silves, na Cisterna dos Cães (Gonçalves, 2007: p. 423), como também na icónica jazida de Alcalar (Portimão) (Soares, Pereira & Freitas, 2007). Após os trabalhos do mesmo, assistimos a um marasmo arqueológico (Figura 2), onde poucos trabalhos são realizados com o intuito e abrangência científica semelhante aos de Estácio da Veiga e, desta forma, não vocacionados num objetivo de compilação, quase que enciclopédica como era o estilo de antigamente. No entanto, há que salientar os esforços da DGEMN em recuperar o Castelo de Silves durante as décadas de 30 e 40 (Correia, 2011: p. 373-374). Podemos afirmar que estas intervenções correspondem

às ideologias políticas implementadas pelo Estado Novo, onde a história e as “velhas pedras” (Correia, 2011: p. 324) combinam-se para legitimar um passado nacional, comum a todos os portugueses, credibilizando, assim, o presente (Correia, 2011: p. 245). Paralelamente à ação da DGEMN, é de salientar os percursos pelo Barlavento algarvio, e em particular por Portimão, de algumas figuras como José Formosinho e Abel Viana, que mantinham ainda viva a atividade arqueológica. O primeiro desejava, inclusive, a criação de um museu regional sediado em Lagos, pressionando até a DGEMN, com o objetivo de expor os vestígios presentes nestes concelhos, projeto este coevo com a ideologia estatal da época (Bernardes, 2019: p. 106).

Entretanto, nos anos 60, surgem as primeiras discussões teóricas sobre a proteção e preservação do património urbano (Valente, 2012: pp. 180-182). Nesta década, temos a destacar o trabalho liderado pelo Arquiteto Cabeça Padrão – *Estudos de Prospecção, Preservação e Recuperação de Elementos Urbanísticos e Arquitectónicos Notáveis, em Áreas Urbanas e Marginais Viárias, na Região do Algarve*. É um trabalho composto por um conjunto de 49 volumes, que engloba as cidades de Portimão (vol. 19) e Silves (vol. 34) (Ribeiro & alii, 2016: pp. 335, 342; Valente, 2012: p. 184).

Podemos salientar o ponto de viragem que se assume a partir da década de 70 a nível nacional, que se reflete, igualmente, nestes concelhos. Existe uma maior consciencialização do espaço urbano como um local histórico e identitário. Desta forma, a arqueologia também conhece um novo vigor, entrando assim numa “segunda etapa” (Bernardes, 2010). Merecem destaque os trabalhos iniciais de Mário e Rosa Varela Gomes, ainda acompanhados por Caetano de Mello Beirão. Na cidade de Silves, incidiram-se no Poço-Cisterna Almóada e no Pátio a ele anexado, como também na Alcáçova de Silves (Gonçalves, 2007: p. 423-426).

O panorama da pressão urbana crescia, visível em todo o território algarvio e, particularmente, em Portimão (*vide* Leonardo, 2011: p. 33). Simultaneamente, os trabalhos continuavam sem uma legislação que obrigasse uma proteção do património arqueológico. Somente com o contexto da Convenção de Malta, em 1992, e a criação de bases para a elaboração das leis de defesa do património arqueológico a nível europeu, é que o cenário dos trabalhos de arqueologia urbana passaram a atuar num novo paradigma, diga-

mos, numa terceira etapa da Arqueologia nestes concelhos (Figura 2). Deste modo, a nível nacional, criou-se o IPPAR, no mesmo ano. Em 1993, é criado em Silves, e noutros pontos do país, o Gabinete Técnico Local (G.T.L.) que elabora o Plano de Pormenor / Salvaguarda do Centro Histórico de Silves. No entanto, as ações levadas a cabo por este Gabinete não surtiram efeito, como se verifica pela ausência das medidas propostas no Plano de Pormenor, no futuro Plano Diretor Municipal (PDM), redigido em 1995 (Valente, 2012: p. 188).

Já em 1997, o Instituto Português de Arqueologia (IPA) (ex-IPPAR) conduz diversos trabalhos em Portimão, entre 1999-2002 (cuja ação contava com uma extensão e equipa na cidade de Silves), no que toca ao levantamento e realocação de sítios/ocorrências arqueológicas. No concelho de Silves, os trabalhos arqueológicos e sítios identificados, através de trabalhos de acompanhamentos, sondagens, levantamentos, escavações, aumentam com relativa significância na própria cidade de Silves e no território da freguesia de São Bartolomeu de Messines (Gonçalves, 2007: p. 426). Nesta altura, em Portimão, é de referir também o relevante trabalho de levantamento arqueológico desempenhado por Isabel Soares (2001), atualmente chefe de divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico do Município de Portimão (DMPAH). No entanto, a componente arqueológica, incorporada na Câmara Municipal de Silves, apenas surgiu em 2002. Nos anos prévios ao Gabinete de Arqueologia, Conservação e Restauro, existia a designada “Oficina de Restauro”, estabelecida no final dos anos 80, que apoiava pontualmente algumas intervenções arqueológicas (Gonçalves e Rodrigues, 2011: p. 544).

3. A ARQUEOLOGIA URBANA DE PORTIMÃO E SILVES

Como já foi aqui abordado, os trabalhos enquadrados nestas segunda e terceira etapas, refletem os pensamentos contemporâneos do espaço citadino como um lugar de memórias, esse que deve ser preservado e estimado. Saliente-se a recomendação da UNESCO, promulgada a dez de novembro de 2011, precisamente referente à proteção da integridade e “espírito” dos centros históricos urbanos enquanto espaços de memória que devem ser preservados: “[...] *as alterações descontroladas da densidade e do crescimento urbano podem colocar em risco o espíri-*

to do lugar, a integridade do tecido urbano e a identidade das comunidades. Algumas áreas históricas urbanas estão a perder a sua funcionalidade, o seu papel tradicional e a sua população.” (UNESCO, 2011, ponto 17 – trad. Cabral).

Os dois centros urbanos de que falamos podem integrar-se na esfera deste panorama, onde ambos são alvos de várias intervenções arqueológicas, tanto em casos de construções de novas infraestruturas ou no âmbito de uma recuperação e revalorização de antigos edifícios, tal como é o caso do Teatro Mascarenhas Gregório (Silves) e do próprio Museu de Portimão.

No que toca às ações dos municípios, a Câmara Municipal de Silves, através do seu Gabinete de Arqueologia, realiza alguns trabalhos de intervenção arqueológica. Devido ao número reduzido de profissionais e ao seu território extenso de atuação, com grande potencial arqueológico, o Gabinete foca-se nos trabalhos de emergência ou de pequena envergadura, sendo que os grandes trabalhos interventivos ficam ao encargo de equipas externas a este Gabinete (Gonçalves & Rodrigues, 2011: p. 549), como por exemplo os trabalhos realizados no âmbito do Programa POLIS e outros, como o Teatro Mascarenhas Gregório (“ERA – Arqueologia”) (Encarnação & Gonçalves, 2013: p. 261; Websites: “ERA Arqueologia” – era-arqueologia.pt; Portal do Arqueólogo – arqueologia.patrimoniocultural.pt.; Fontes consultadas em dezembro de 2019). No caso do concelho de Portimão, é de mencionar a ação da Câmara Municipal, liderada pela equipa do Museu do município, no que toca aos trabalhos de acompanhamento e minimização de impactes no âmbito da construção civil. Disto, são exemplos os relatórios efetuados face a três dos Planos de Pormenor outorgados pela Câmara (do Barranco Rodrigo – 2007; da Quinta do Malheiro – 2017; e da Horta do Palácio – 2010), tal como os levantamentos arqueológicos e patrimoniais associados ao projeto de reabilitação do Centro Histórico de Portimão (ARU, 2014).

De todo o modo, o vértice empresarial da ação da arqueologia urbana no concelho é de mencionar, sendo Portimão mais um exemplo onde as empresas de arqueologia encontram-se em constante atuação, alguns dos quais exercendo trabalhos de envergadura considerável. Veja-se, a título de exemplo, as intervenções no antigo “edifício Mabor” levadas a cabo pela empresa “AES Arqueologia”, entre outros trabalhos de acompanhamento e reabilitação. Este

cenário de acompanhamentos no centro histórico anda em par com a atuação empresarial fora dos centros citadinos, como os trabalhos de conservação e restauro tanto na *villa* Romana da Abicada, como também num dos monumentos de Alcalar, realizados pela empresa “ERA Arqueologia”, aos quais se adicionam os vários acompanhamentos arqueológicos associados ao projeto da montagem da linha de alta tensão Portimão-Tunes, desempenhados pela mesma empresa.

Em paralelo com esta cidade, temos a destacar a importância que a arqueologia constitui para o desenvolvimento do espaço urbano de Silves. Há que salientar os trabalhos arqueológicos decorrentes na Rua da Cruz, a propósito da edificação da nova biblioteca municipal (Gonçalves, 2008: p. 4-5), no Hospital Velho de Silves, no Salão Paroquial de Silves e o próprio Museu Municipal de Arqueologia de Silves (Gomes, 2006: p. 29; Portal do Arqueólogo – arqueologia.patrimoniocultural.pt: Fonte consultada em dezembro de 2019).

Também neste quadro, o Programa POLIS apresenta-se como o elemento mais claro de um espaço em constante evolução e renovação urbanística, na qual os trabalhos arqueológicos destas empresas privadas quase que ditam o ritmo dessas transformações. Segundo os dados recolhidos no Portal do Arqueólogo, estes trabalhos constituem 26,74% dos sítios identificados nesta cidade. São, na sua essência, trabalhos de prevenção, com o objetivo de minimizar impactos sobre o património arqueológico, aliado ao objetivo (externo ao âmbito arqueológico) de revitalizar e requalificar os vários espaços intervencionados. Como casos exemplares, entre tantos outros, destacamos aqui os trabalhos decorrentes no próprio Castelo de Silves, entre 2003 e 2007, com vista a musealização do espaço, projeto liderado por Rosa Varela Gomes; na rua da Sé entre 2004 e 2006 e, no mesmo local, entre 2017 e 2019, onde se pôs a descoberto vários vestígios osteológicos num fosso islâmico, possivelmente ligado à conquista de Silves, a barbacã e, ainda, evidências do que poderia ser a antiga mesquita de *Xilb*. Estes últimos foram trabalhos de acompanhamento arqueológico ao encargo da “Archeo’Estudos, Lda.” (Pires, 2019); e, no Largo José Correia Lobo, entre 2004 e 2006, onde se identificou uma necrópole de cronologia islâmica. Por outro lado, uma decisão polémica no âmbito dos trabalhos do Programa POLIS, é descrita no jornal “Público” e noticiada como: “Túmulo Islâmico deixado sob conduta de esgotos”

(Revez, 2006). O título, por si só, é bastante sugestivo. Segundo esta, descobriu-se na rua 25 de Abril um túmulo de um *murabit*, em outras palavras, de um homem santo da comunidade islâmica. É uma notícia que, por várias razões, revela as dificuldades de se realizar Arqueologia Urbana. De um lado, temos de ter em conta a proteção do património e como se deve proceder de forma a que esse não seja afetado. Do outro, temos o lado burocrático e financeiro, que escapa às propostas e intenções dos arqueólogos. É uma Arqueologia que tende a estar condicionada a pressões externas, que colocam entraves à realização de um trabalho dinâmico e vocacionado tanto para o debate científico como para a divulgação cultural local e turística (Lopes, 2018).

Se nos debruçarmos sobre a figura 5, não causa surpresa serem as próprias capitais municipais de Portimão e Silves, aquelas cujas ocorrências arqueológicas mais se atribuem a um âmbito urbano, dada a sua maior área edificada. Por outro lado, note-se a densidade de ocorrências arqueológicas identificadas nas freguesias comparativamente mais rurais, em particular as freguesias de São Bartolomeu de Messines (Silves) e da Mexilhoeira-Grande (Portimão), onde a arqueologia urbana é praticamente residual. No entanto, para este primeiro local, temos de mencionar o trabalho realizado por Jorge Estevão Correia (2005 *apud*. Gonçalves, 2007: p. 427), que identifica 65 novos sítios nesta freguesia. É de referir o caso da freguesia de Alvor (Portimão), tendo o espaço urbano desta uma origem histórica em função da sua posição geográfica, pesqueira, na entrada da ria de Alvor, cujos vestígios antigos têm sido objeto de intervenções em meio urbano, havendo aliás uma proposta de criação de uma carta de Sensibilidade Arqueológica (*vide* Pereira, 2018: p. 105, 109-110).

Torna-se interessante cruzar este panorama com o da figura 6, no sentido em que se atendermos ao número de projetos de arqueologia nos dois concelhos (e porventura trabalhos associados a estes), contabilizados no “Portal do Arqueólogo”, a quantidade dos mesmos que incidiram em zonas urbanas é muito considerável na quantificação total - correspondendo precisamente ao cenário de crescente pressão urbanística e à necessidade de se proceder aos acompanhamentos de salvaguarda patrimonial aquando das obras.

4. A IMPORTÂNCIA DESTES TRABALHOS PARA A CULTURA LOCAL E VISIBILIDADE TURÍSTICA

Os casos de Silves e Portimão afiguram-se assim como elementos singulares da arqueologia urbana. Os trabalhos, e consecutiva valorização patrimonial, permitem conferir uma oferta cultural a um amplo espectro demográfico, que acompanha os desenvolvimentos arqueológicos citadinos. A importância destes trabalhos, observada nos anteriores capítulos, é significativa ao ponto de se afirmar como um elemento para a própria evolução e construção da cidade, através dos respetivos PDMs. Como tal, trata-se de um assunto público, que necessita de ser difundido e valorizado pelas populações locais. Repare-se, fora do âmbito geográfico deste artigo, mas exemplificativo, a importância entre Lagos e a sua suposta fundação com o nome de *Laccobriga*, que se perpetuou no quotidiano da cidade e incentivou à designação de um habitante de Lagos como um *Laccobrigense*. Tal situação aplica-se, também, aos contextos de Portimão e Silves. A importância do ambiente e identidade de Silves, como cidade medieval islâmica e cristã, permanece valorizada nos dias de hoje através de diversas entidades institucionais e culturais, como as ações do Museu Municipal de Arqueologia de Silves e a famosa feira medieval da cidade (Valente, 2012).

A análise dos sítios arqueológicos de ambos os concelhos enquadra-se, desta forma, nas estratégias desenvolvidas pelos núcleos museológicos locais. Uma rápida observação do panorama cronológico referente aos sítios arqueológicos presentes no Portal do Arqueólogo revela que, no caso de Silves, a maioria das intervenções e identificação de sítios arqueológicos abrangem contextos de cronologia Islâmica e Medieval. Um esforço para a valorização de outras cronologias está patente na estratégia de divulgação cultural municipal. A criação de um percurso denominado como “o roteiro dos menires” enaltece o passado pré-histórico, mas também inclui outros sítios de cronologia medieval. Um olhar mais cuidadoso pela musealização e divulgação patrimonial coloca, novamente, o passado islâmico e medieval cristão em destaque, através da conservação do poço-cisterna almóada no Museu Municipal de Arqueologia.

Não obstante, a herança e identidade de uma cidade não é apenas atribuída a uma cronologia. O caso

de Portimão reflete um outro tipo de valorização, através da toponímia associada às ruas. É o caso da rua do Menir onde, nas imediações, podemos encontrar os dois menires de Vale de França (um deles atualmente denominado por Menir dos Três Bicos). No entanto, a localização destes não nos remete para o seu “espírito contextual” pré-histórico, pelo mesmo facto de se localizarem num espaço agora citadino. A importância destes marcos territoriais, certamente, influenciaram o pensamento e tradição das populações, que perpetuaram a memória destes monumentos na própria cidade. O contexto enquadra-se com a grande importância do complexo de Alcalar, localizado dentro deste concelho, na Praia de Mexilhoeira. Apesar de Portimão ser por tradição uma cidade pesqueira e marítima, cuja valorização do património moderno e contemporâneo citadino é enaltecido, a cidade não esquece a sua história mais antiga. Contudo, é preciso destacar que a importância dada a Alcalar não é partilhada por todos os períodos históricos. Note-se o caso da *villa* Romana da Abicada que, apesar da sua classificação como Monumento Nacional, permanece num estado de conservação e exposição bastante precário, pelo menos desde o ano de 2013, segundo a notícia do jornal “Sul Informação” (Rodrigues, 2013).

Esta discrepância entre períodos cronológicos pouco ou nada condiz com a dispersão temporal dos sítios arqueológicos identificados nas respetivas freguesias. O gráfico apresentado (fig. 7) demonstra a variabilidade de cronologias de todas as freguesias do Concelho de Silves, que englobam um total de 308 sítios com entrada na base de dados do Portal do Arqueólogo. Esta análise, contudo, teve os seus problemas devido à estruturação da base de dados e das características próprias dos sítios arqueológicos. A presença de contextos com uma ampla diacronia cronológica inflacionaram, de forma moderada, o total de sítios contabilizados, pois uma estação arqueológica que possui dois períodos distintos (por exemplo medieval e romano), foi contabilizada como duas entradas. Não obstante, os dados são interessantes, dado o panorama que este estudo aferiu. O caso da freguesia de Silves é marcado por uma maioria de sítios de cronologia Medieval/Islâmica (46,67%), que se alinham com a divulgação e tipo de política, ou estratégia, de valorização cultural. Muito deriva, como já referido, do forte desenvolvimento da arqueologia urbana na cidade e no programa POLIS que a abrangeu. Destacam-se, igualmente,

as baixas percentagens de todos os outros períodos cronológicos, com a exceção dos sítios associados a uma cronologia Moderna/Contemporânea, que, não obstante, partilham uma maioria de entradas no Portal do Arqueólogo com os sítios aferidos de cronologia Medieval/Islâmica.

A realidade fora da freguesia de Silves, como já referido no capítulo 3, caracteriza-se por uma maior ruralidade e menor incidência de arqueologia em âmbito urbano. A maioria destas demonstram uma relativa dispersão entre as diversas cronologias, com a exceção da freguesia de Algoz e Tunes. Contudo, o peso dos sítios medievos continua a ser impactante neste contexto, constituindo-se como a principal realidade trabalhada e explorada de um ponto visto científico e de arqueologia pública no concelho de Silves.

O caso de Portimão é particularmente curioso. Note-se que, nos principais websites de divulgação patrimonial e cultural, há uma expressiva atenção dada aos sítios e monumentos de período Contemporâneo/Moderno. Contudo, o Portal do Arqueólogo demonstra que estes sítios e período histórico não são, em nenhuma freguesia, maioritários. A predominância está em sítios de cronologia romana, que dominam em todas as regiões do concelho (tendo o contexto da evolução da identificação de sítios romanos – *vide* Bernardes, 2010). Refira-se que, no caso da Mexilhoeira Grande (fig. 8), é visível uma maioria atribuível ao período da Pré-História recente, porém, o problema que já foi mencionado no caso de Silves repete-se. Efetivamente, as entradas no Portal do Arqueólogo em torno do núcleo megalítico de Alcalar são extensas, o que inflaciona de forma substancial as percentagens obtidas. Se estas referências fossem retiradas, a cronologia romana estaria, novamente, em maioria. A conclusão passível a retirar, é que a prática de conservação e valorização arqueológica em Portimão, não parece seguir a restante realidade arqueológica que caracteriza o concelho, pois como já mencionámos, a *villa* Romana da Abicada, ilustrativa do fenómeno das *villae* do Algarve, permanece num estado precário, pouco valorativo, no quadro da divulgação cultural e turística municipal, contrastando em grande medida com as condições visíveis, por exemplo, de Alcalar.

No âmbito da valorização do património arqueológico do concelho de Portimão, é de destacar, desde logo, a ação central do Museu do Município. É de notar a importância dada ao contexto dos vestígios da Pré-História recente, expressada com maior evi-

dência no centro de interpretação de Alcalar (onde o próprio museu realiza visitas e atividades). Esta harmonia entre os espaços museológicos é, igualmente, de salientar, dada a possibilidade de obter um bilhete único de visita a ambos os espaços, o que demonstra uma sincronia municipal saudável em relação à divulgação patrimonial/cultural. Embora tenhamos referido uma certa apatia perante contextos de cronologia romana, o potencial de valorização de período contemporâneo/moderno é, claramente, aproveitado, dado que os antigos edifícios associados ao cariz costeiro e pesqueiro de Portimão são alvo de trabalhos de restauração e conservação, no qual o próprio Museu Municipal de Portimão é o melhor exemplo. O reaproveitamento de uma antiga unidade fabril de conservas de peixe no ano de 2008, como um espaço museológico moderno, permite, assim, perpetuar a memória e tradição da cidade, mas, também, expor toda a história do concelho num espaço, historicamente, importante. Destaque-se, igualmente, a importância dada a este contexto, com a realização de diversas exposições temporárias, cujo foco centra-se nas tradicionais atividades portuárias da cidade (Mateus, 2018: p. 11-12), mas que nunca esquece a sua exposição permanente, cronologicamente abrangente e central num contexto municipal.

A oferta municipal, plasmada nos roteiros culturais e patrimoniais dos websites das respetivas câmaras, não diverge do panorama apresentado anteriormente. Veja-se a predominância de sítios de cronologia Contemporânea e Moderna, que pode ser explicada por estarmos a lidar com dados de todo o concelho e não restritos às freguesias. A frequente menção a espaços religiosos, como as igrejas matrizes, é o principal factor desta dispersão. Não obstante, se observarmos a figura 9, as conclusões que podemos retirar são que a tradição medieval e islâmica de Silves possui um peso significativo, comparativamente aos restantes. Note-se, porém, uma maior variabilidade da oferta patrimonial, particularmente, nos campos da Pré-História Recente e do período Romano, característica análoga com as anteriores propostas. Portimão, contudo, é caracterizado por um predomínio claro de sítios/monumentos de período Contemporâneo e Moderno, que se relaciona com a herança e aposta na valorização destes períodos em concreto.

O panorama nacional pouco ou nada diverge dos roteiros nacionais, como se observa na figura 10. O caso de Silves é particularmente confuso neste

contexto, dado que a referência a espaços de cronologia Romana subitamente desaparece e é substituída por sítios de cronologia Proto-Histórica. A Pré-História Recente é representada por uma percentagem semelhante, que acompanha a tendência dos sítios de cronologia Medieval e Moderna/Contemporânea. A problemática já apresentada no contexto regional, reflete-se da mesma forma no nacional. Portimão, novamente, segue o padrão que já estabelecemos ao longo do trabalho, marcado por uma grande importância dos sítios Contemporâneos e Modernos. A cronologia romana e pré-histórica recente está apenas representada pelos sítios da *villa* romana da Abicada e o complexo megalítico de Alcalar.

5. CONCLUSÃO

Os casos de Portimão e Silves são, assim, relacionáveis e quase únicos no contexto do Barlavento Algarvio. A prática de uma arqueologia urbana apenas pode ser comparada com um outro município, o de Lagos. Esta tríade, tendo em conta os dados disponibilizados pelo Portal do Arqueólogo e levantamentos estatísticos do Algarve (PROTALG), é caracterizada pelo maior número de sítios arqueológicos por concelho, assim como pela maior percentagem de uma prática arqueológica urbana. São, igualmente, os concelhos com maior variabilidade de sítios arqueológicos preservados e reabilitados, tanto em âmbito urbano (caso do Castelo de Silves), como em âmbito rural (caso do complexo megalítico de Alcalar). Esta realidade é coeva com o investimento e interesse municipal em desenvolver e apoiar a prática arqueológica pública.

À medida que a legislação portuguesa foi-se alterando, a própria arqueologia urbana dos dois concelhos conheceu um *boom*. A presença de uma filial do IPA na cidade de Silves contribuiu para este aumento da prática arqueológica, assim como os vários trabalhos de Rosa Varela Gomes no Castelo de Silves e no Poço-Cisterna Almóada que, juntamente com a contribuição científica e os atos de divulgação cultural (resultantes desses trabalhos), relembram a necessidade cultural da existência de uma Arqueologia Urbana para preservar o passado histórico, potenciando também o crescimento turístico da cidade. Também, com o advento do Programa POLIS na cidade, as ações de empresas privadas de arqueologia fazem aumentar esta potencialidade divulgativa e protecionista do património aí presente, existindo

em Silves quatro Monumentos Nacionais na própria cidade. No caso de Portimão, o papel da equipa do museu municipal, juntamente com as empresas de arqueologia tem vindo a caracterizar o esforço de preservação das várias ocorrências e sítios do meio urbano, para os quais o museu, e o grupo de amigos do mesmo (GAMP), assume-se como um elo para a consciencialização do Património local. A reabilitação arqueológica dos centros históricos em ambos os concelhos torna-se fundamental nas dinâmicas de valorização de cada cidade, assumindo-se como reflexo imediato do carácter geográfico e histórico, diferente, de cada uma. Onde em Silves o período medieval e islâmico em torno de uma paisagem histórica ligada ao castelo é importante, a tradição etnográfica portuária de Portimão, aliada a uma forte valorização no cenário pré-histórico é contrastante. Os dados do Portal do Arqueólogo afiguram-se como essenciais para uma análise e estudo em torno das temáticas aqui discutidas. A sua criação e desenvolvimento é algo essencial para o estado de arqueologia portuguesa, que permite uma maior harmonia e facilidade no desenvolvimento de estudos arqueológicos. Não obstante, é dotado de problemas e alguns aspetos técnicos, que necessitam de ser discutidos. Esta observação não procura denegrir a plataforma, pelo contrário, procura valorizar e aperfeiçoar a mesma. Veja-se que ao longo da realização deste estudo enfrentamos, consistentemente, o mesmo problema. O caso de Alcalar é, talvez, o mais sugestivo e fácil de debater, dada a sua personalidade de núcleo ou complexo. Porém, não é esta imagem que o Portal apresenta, visto que todos os seus elementos são identificados como um sítio arqueológico, que apenas inflaciona e condiciona uma análise estatística como a nossa.

A sugestão que apresentamos é categorizar e agrupar estes sítios. Em vez de lidarmos com um sítio de Alcalar 1, 2, 3 e assim sucessivamente, acreditamos que fosse mais simples e eficiente ajustar a plataforma de forma a criar um grupo designado como Alcalar, que dentro deste teria todos os seus elementos individualizados e de fácil acesso. Se por um lado auxilia a produção de análises estatísticas, por outro facilita o acesso e navegação da plataforma, dada a maior simplicidade do website. Outro problema, talvez mais discutível e de mais complicada resolução, é relativo à identificação de sítios arqueológicos através de achados dispersos ou elementos singulares. O caso das âncoras, frequentes no contexto algar-

vio, e imediata associação a um sítio arqueológico, é exagerado e talvez enganador. O problema poderia ser resolvido com a criação de um outro filtro, que permita uma distinção entre sítios arqueológicos e potenciais sítios arqueológicos. Novamente, sugerimos esta proposta como uma alternativa mais agregadora e com o intuito de simplificar a plataforma e a procura na mesma.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, J. P. (2010) – A Investigação Arqueológica do Período Romano no Algarve: Balanço e perspectivas de investigação. In XELB, (*Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*), Silves : Câmara Municipal de Silves, nº 10, pp. 385-398.

BERNARDES, J. P. (2019) – José Formosinho e a arqueologia da primeira metade do século XX no barlavento algarvio. In FORTES, J. B.; FABIÃO, C. & SERRANO, B. M. (eds.) *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a Debate: Historiografía, coleccionismo, investigación y gestión arqueológicas en España y Portugal*. SPAL Monografía Arqueología, XXX, pp. 105-119.

BICHO, Nuno; ROCHA; Leonor; BERNARDES, João P.; OLIVEIRA, Luís; LUÍS, Carlos & BICHO, Cidália F. (2001) – *A Situação Actual da Arqueologia e do Património Arqueológico no Algarve*. Comissão de Coordenação da Região do Algarve.

CORREIA, Luís Miguel M. V. (2011) – *Castelos em Portugal: retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949)*. 2ª edição, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, J. & GONÇALVES, M. (2013) – Cilpes/Cilpis/Xilb/Silves? Para uma discussão antiga, um novo contributo. A inscrição de Silves evocativa do templo de Neptuno. In *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie II, Hª Antigua, t. 26, pp. 255-276.

GOMES, Rosa Varela (2006) – *Silves (Xelb): Uma Cidade do Gharb al-Andalus. O Núcleo Urbano*. Trabalhos de Arqueologia, nº 44, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, Maria José (2007) – Arqueologia no Concelho de Silves. O Contributo Pioneiro de Estácio da Veiga. In XELB (*Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve*), Silves: Câmara Municipal de Silves, n.º 7, pp. 421-434.

GONÇALVES, Maria José (2008) – *Silves islâmica: a muralha do arrabalde oriental e a dinâmica de ocupação do espaço adjacente*. Dissertação de tese de Mestrado, em Teoria e Métodos da Arqueologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve.

GONÇALVES, Maria José & RODRIGUES, António Medeiros (2011) – Silves: balanço e perspectivas da actividade arqueológica municipal. In *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias* (Cascais, Setembro de 2008), Câmara Municipal de Cascais, pp. 543-566.

LEONARDO, Filipe (2011) – *Desenvolvimento Urbano de Portimão: A importância da Muralha Quatrocentista para a malha urbana da Cidade* (Dissertação de Mestrado em Arquitectura). Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.

LOPES, M. Conceição (2018) – Arqueologia na cidade em construção. In BERNARDES, J. P.; ETCHVARNE, C.; LOPES, M. C. & COSTA, C. (eds.) *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Universidade do Algarve, pp. 322-334.

MATEUS, A. R. S. (2018) – *Museu Municipal de Portimão: instituição cultural ao serviço da comunidade*. Relatório de Estágio. Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Escola de Ciências Sociais – Universidade de Évora, Departamento de História.

PIRES, B. F. (2019, 17 de Junho) – Achado inédito em Silves testemunha a violência da Reconquista Cristã. [Versão eletrónica]. *Barlavento* (Disponível em consulta online: 26/12/2019).

REVEZ, Idálio (2006, 12 de Maio) – Túmulo Islâmico deixado sob conduta de esgotos [Versão eletrónica]. *Público* (Disponível em consulta online: 27/12/2019).

RIBEIRO, Fernando; VALVERDE, Isabel; COSTA, Miguel & AGUIAR, José (2016) – Prospecção e Defesa da Paisagem Urbana do Algarve (1965-70): A Arquitetura Tradicional e a Preservação do Património Urbano na Proposta da DGSU. In *Actas do 1º Colóquio Internacional Arquitetura Popular*, Município de Arcos de Valdevez, pp. 335-351.

RODRIGUES, E. (2013, 23 de Abril) – Villa Romana da Abicada não está abandonada, mas parece [Versão eletrónica]. *Su-tilinformação* (Disponível em consulta online: 27/12/2019).

SOARES, Isabel (2001) – *Concelho de Portimão Levantamento do Património Móvel e Imóvel de Interesse Relevante para o Estudo da História Local*. Portimão.

SOARES, I; PEREIRA, A. & FREITAS, V. (2007) – Percursos de Estácio da Veiga no Município de Portimão. In XELB (*Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve*), Silves: Câmara Municipal de Silves, n.º 7, pp. 435-442.

VALENTE, Teresa (2012) – O “centro histórico” de Silves: limites e abordagens. In *Promontoria*, Universidade do Algarve, FCHS, nº10, pp. 179-192.

* outros documentos:

Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve (PROTALG), Volume II – Caracterização e Diagnóstico, Anexo R – Património Cultural. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Fevereiro de 2004.

ARU – Área de Reabilitação Urbana – Centro Histórico de Portimão (2014) Câmara Municipal de Portimão – Divisão de Regeneração Urbana.

ORU – Operação de Reabilitação Urbana de Silves. Divisão de Ordenamento e Gestão Urbanística / Ordenamento do Território. Câmara Municipal de Silves (12 de Abril de 2017).

Plano de Pormenor – Quinta do Malheiro, Portimão; Componente Património Cultural. Março de 2017. C. M. Portimão. Efectuado pelo Museu de Portimão (Vera Freitas).

Plano de Pormenor: Estruturação Urbanística da Horta do Palácio, Portimão – Componente Património Cultural (Histórico-Arqueológico). C. M. Portimão. Setembro de 2010, efectuado pelo Museu de Portimão (Vera Freitas).

Plano de Pormenor do Barraco Rodrigo. Capítulo 8: Património Arquitectónico e Arqueológico. C. M. Portimão. Efectuado por Vera Freitas, do Museu Municipal de Portimão, Dezembro de 2007.

Plano Diretor Municipal de Portimão (2010) – *Diário da República*, 2ª série, nº 141.

Plano Diretor Municipal de Silves (1995) – *Diário da República*, I série-B, nº 279.

Roteiro Turístico Nacional do Algarve – www.visitalgarve.pt/pt/menu/35/concelhos.aspx [Consultado: 06/01/2020].

Roteiro Turístico de Portimão – <https://www.cm-portimao.pt/> [Consultado: 06/01/2020].

Roteiro Turístico de Silves – <https://www.cm-silves.pt/pt/Default.aspx> [Consultado: 06/01/2020].

WEBGRAFIA

Website do Portal do Arqueólogo. Disponível em <https://www.arqueologia.patrimoniocultural.pt>

Website da Câmara Municipal de Portimão. Disponível em <https://www.cm-portimao.pt/>

Website da Câmara Municipal de Silves. Disponível em <https://www.cm-silves.pt/>

Website do Museu de Portimão. Disponível em <https://www.museudeportimao.pt/>

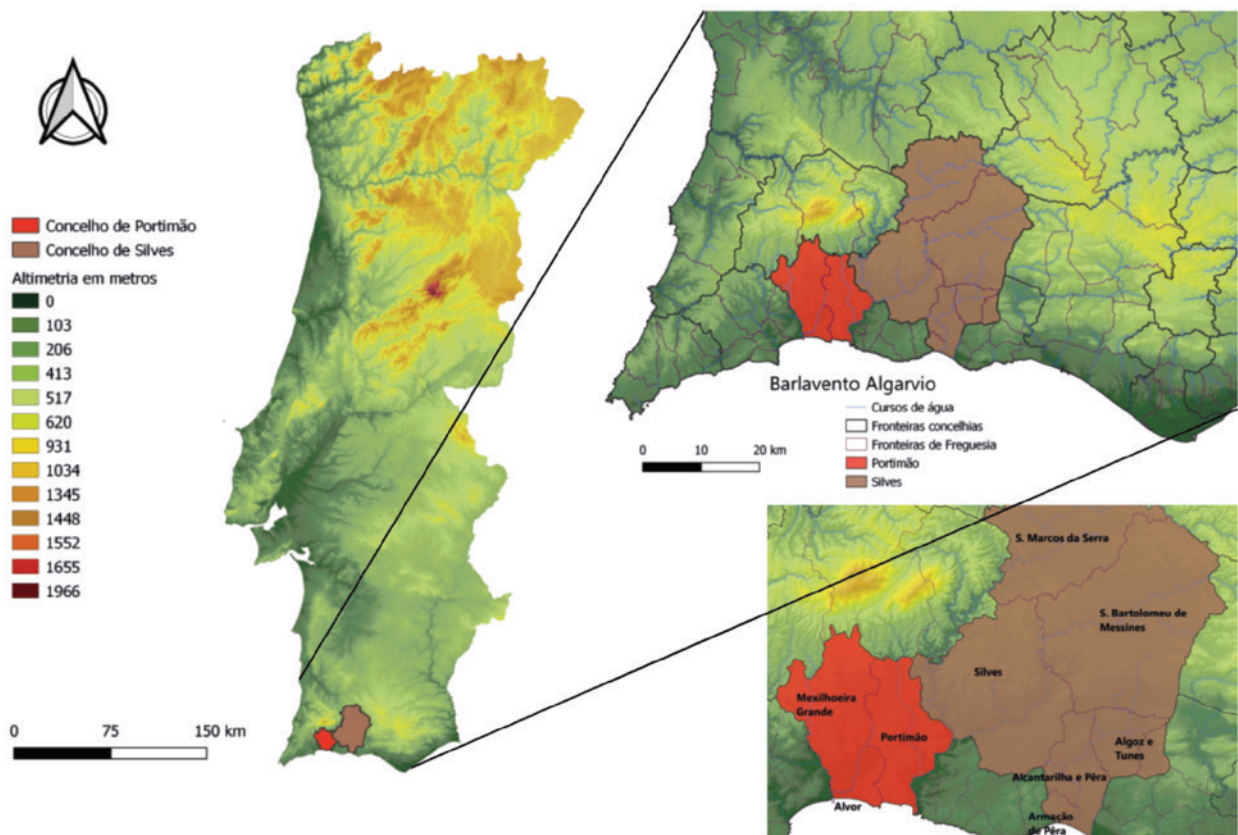


Figura 1 – Mapa da localização dos concelhos de Portimão e Silves.

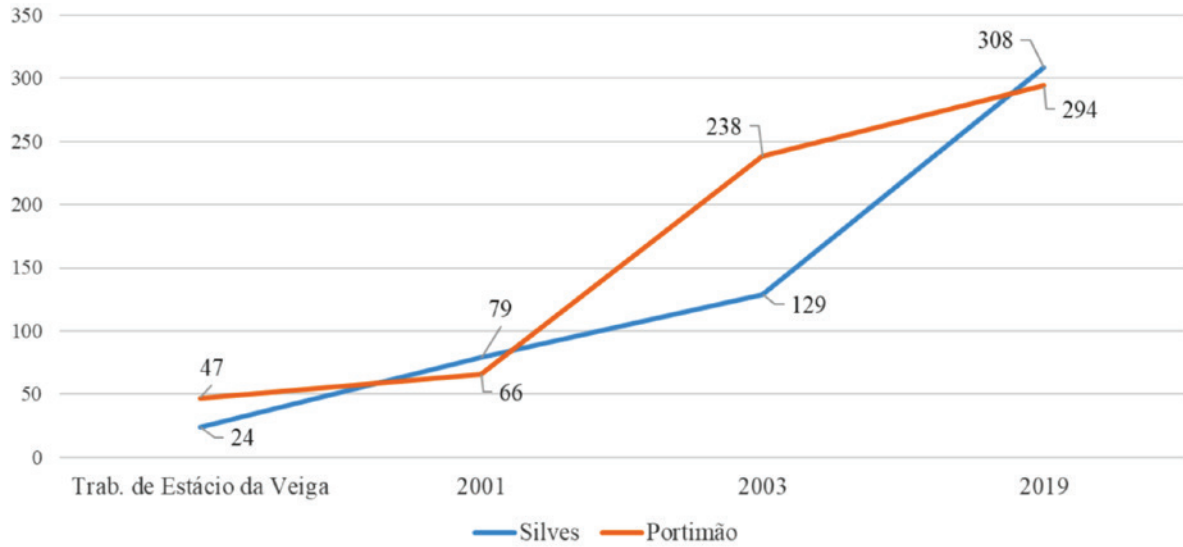


Figura 2 – Gráfico da evolução do número de sítios e achados arqueológicos dos concelhos de Portimão e Silves (Fontes e dados consultados: Bicho & alii., 2001; PROTALG, Vol. II, Anexo R, 2004; Soares, Pereira e Freitas, 2007; Portal do Arqueólogo – Dados consultados em dezembro de 2019).

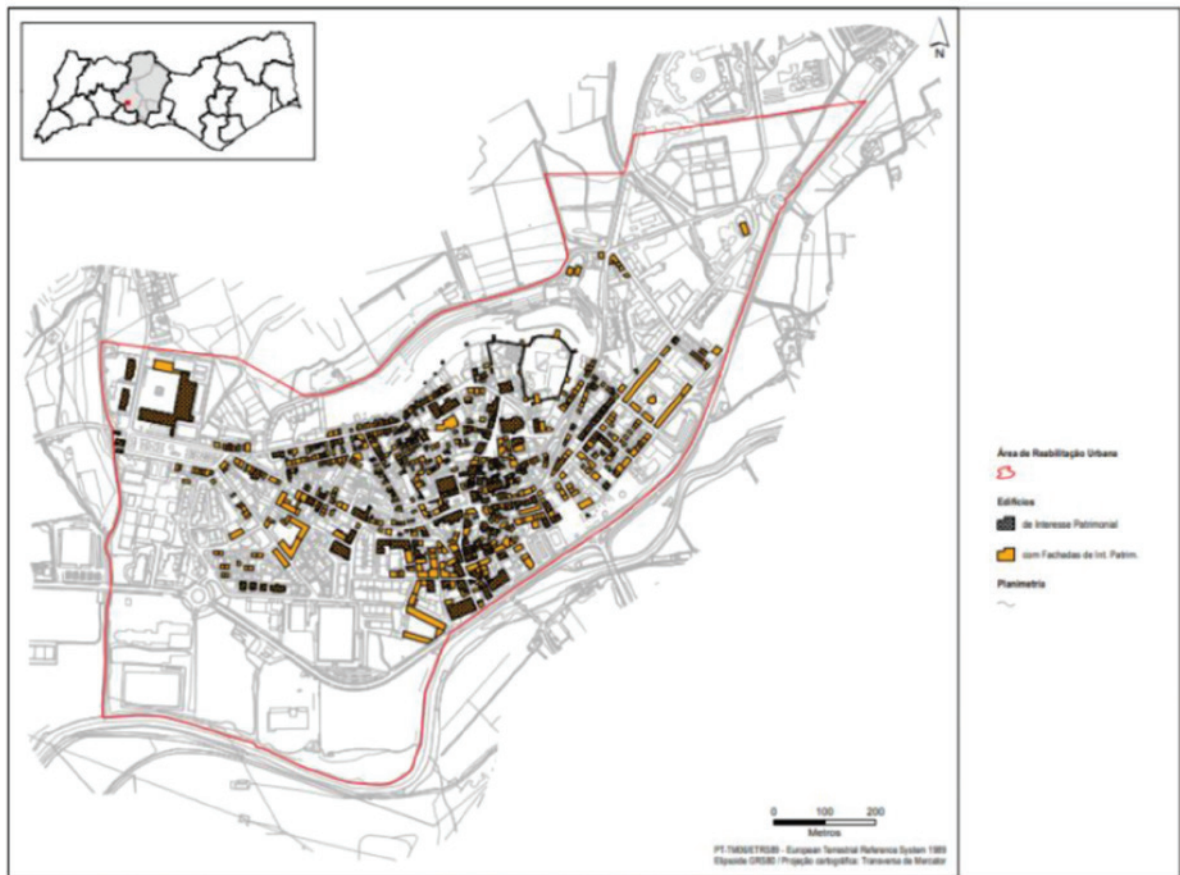


Figura 3 – Planta da Área Urbana com os espaços e edifícios de interesse Patrimonial. Retirado de: cm-silves.pt (Operação de Reabilitação Urbana, 12 de abril de 2107).

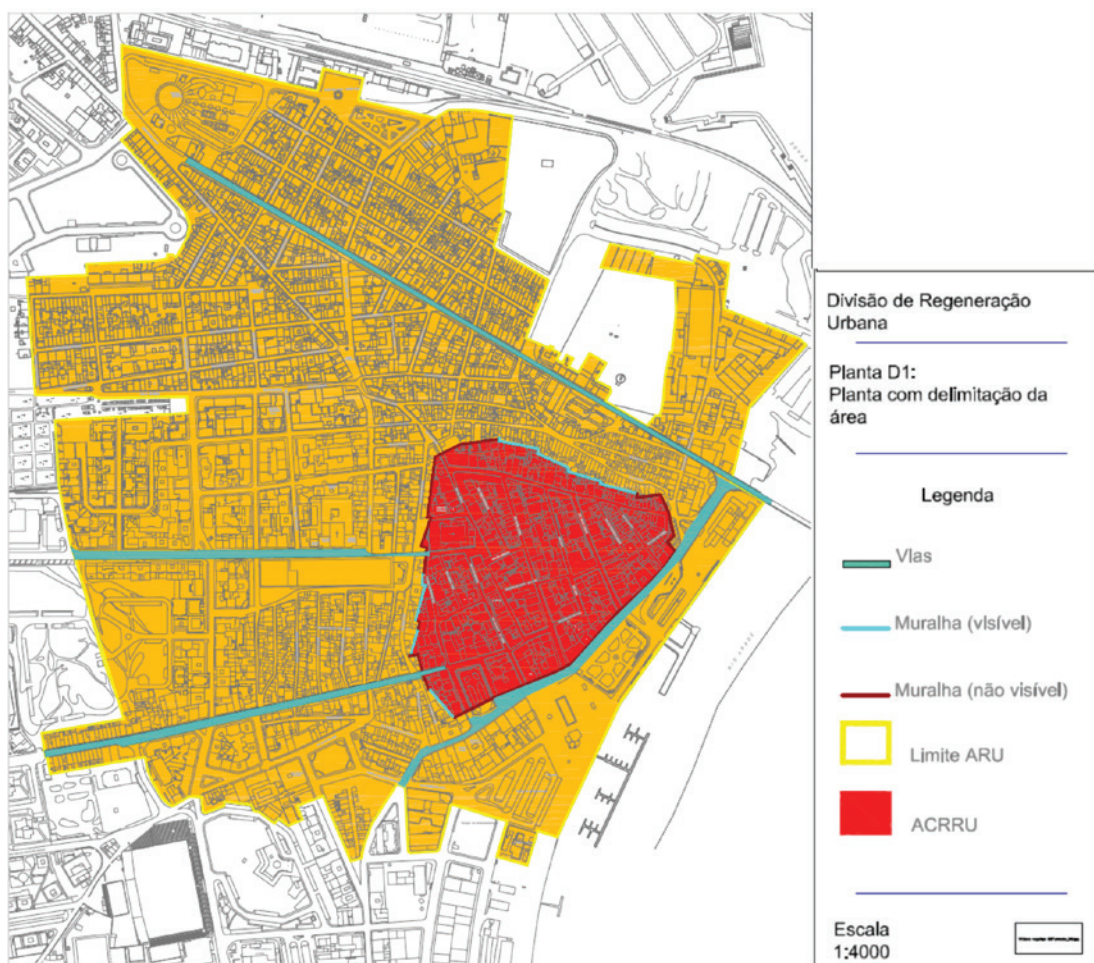


Figura 4 – Planta com a Delimitação da Área do Centro Histórico. Retirado do Plano da Área de Reabilitação Urbana de Portimão (website da câmara municipal de Portimão – cm-portimao.pt: anexos ARU).

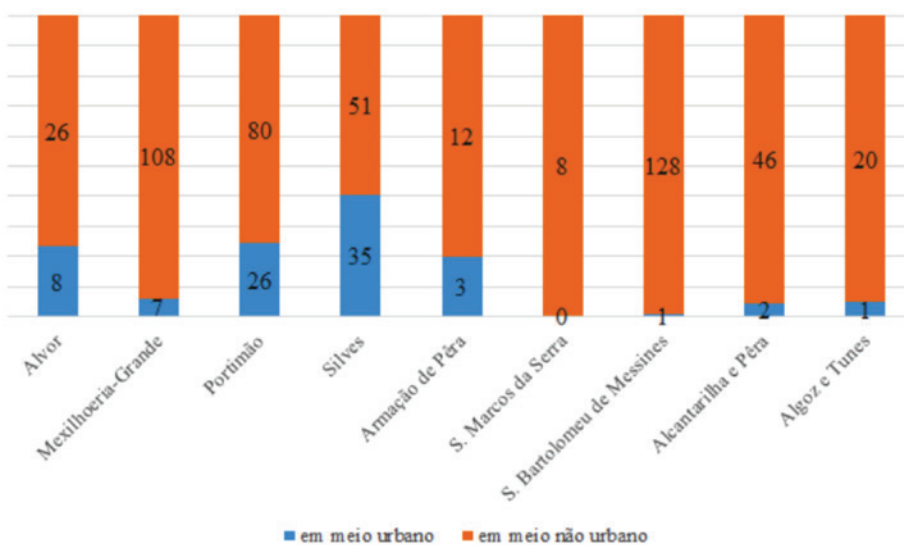


Figura 5 – Gráfico do número de “sítios” e “ocorrências” arqueológicas nas freguesias dos concelhos de Portimão e Silves segundo a sua inserção, ou não, em meio urbano (Dados consultados no Portal do Arqueólogo em dezembro de 2019).

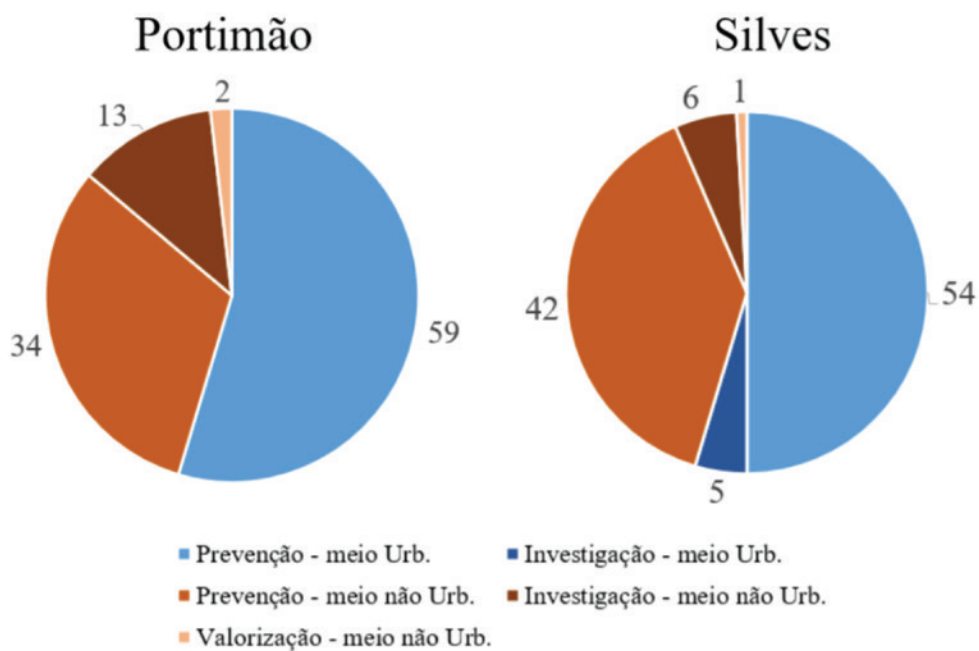


Figura 6 – Gráfico do número de projetos (e seus tipos) identificados no Portal do Arqueólogo nos concelhos de Portimão e Silves e a sua inserção em meio urbano ou em meio não urbano (Dados consultados no Portal do Arqueólogo em dezembro de 2019).

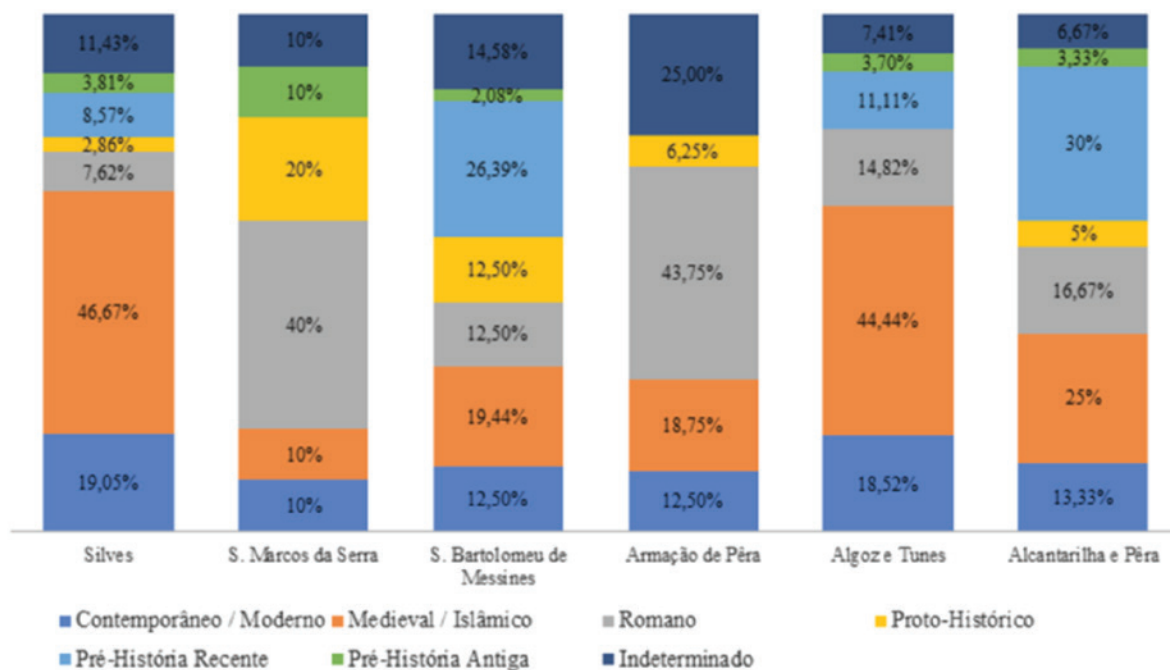


Figura 7 – Gráfico com a Percentagem dos sítios consoante as suas cronologias, no concelho de Silves. Dados Retirados do Portal do Arqueólogo.

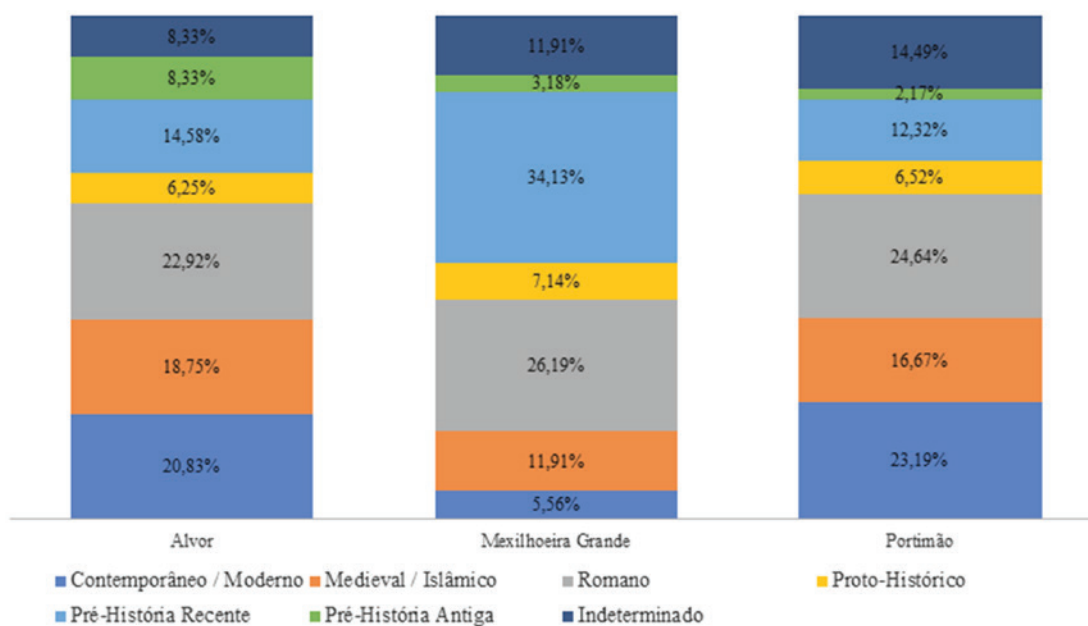


Figura 8 – Gráfico com a Percentagem dos sítios consoante as suas cronologias, no concelho de Portimão. Dados Retirados do Portal do Arqueólogo.

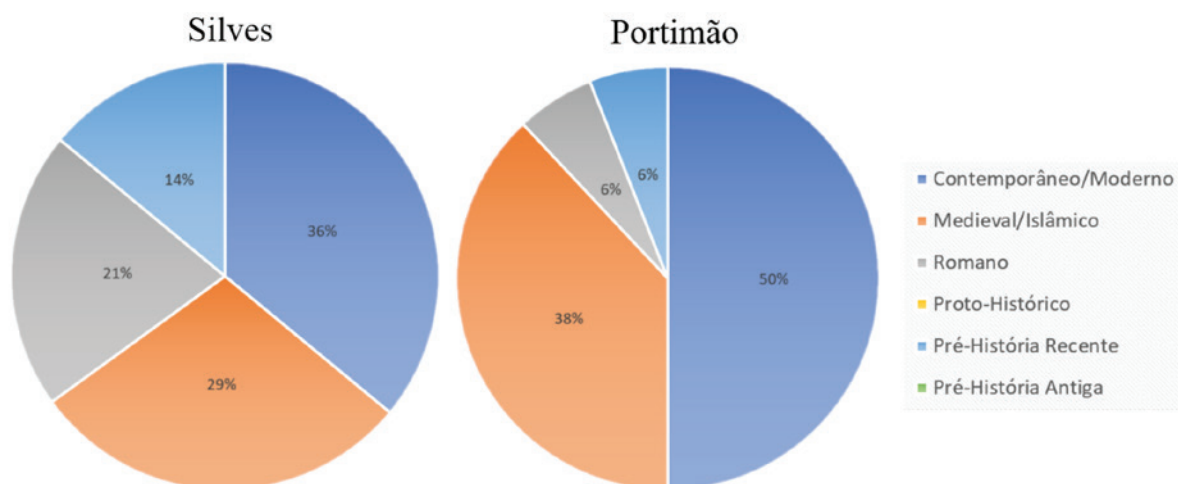


Figura 9 – Gráficos referentes à distribuição da cronologia dos sítios arqueológicos presentes nos roteiros turísticos de Portimão e Silves. Dados Retirados dos websites municipais (cm-silves.pt e cm-portimao.pt).

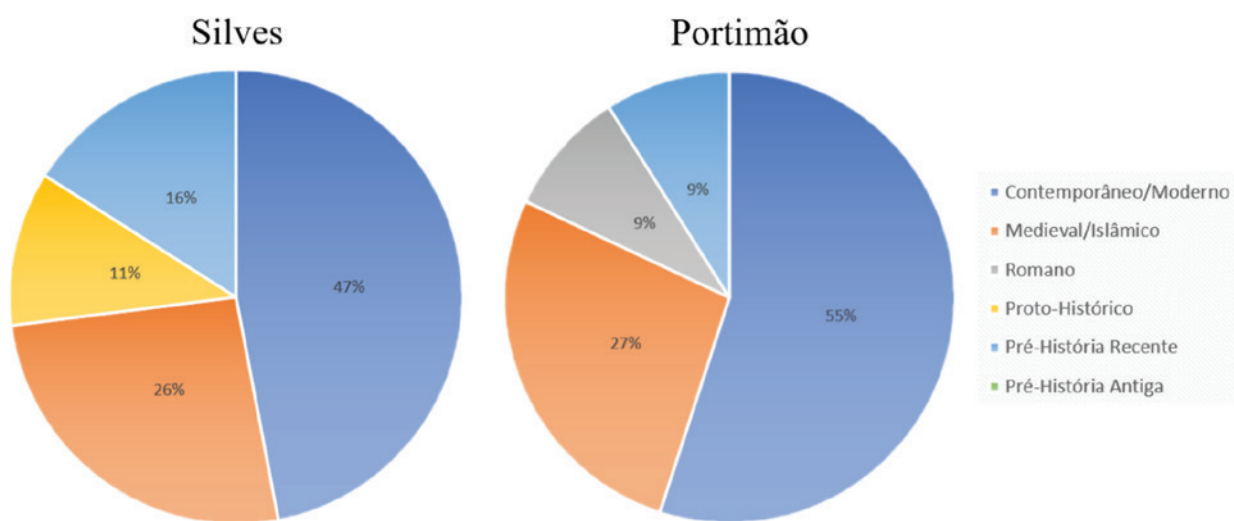


Figura 10 – Gráficos referentes à distribuição da cronologia dos sítios arqueológicos presentes nos roteiros turísticos de Portimão e Silves. Dados Retirados do website de turismo nacional (www.visitaalgarve.pt/pt/menu/35/concelhos.aspx).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

